



*Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival*

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

23 anos do IHTRGS

Ano 2009

Nº 83

A FEB pelo seu Comandante – Realização do ataque ao Monte Castello

Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes

Aviões da FAB haviam arrasado a resistência germânica de Mazzancana, numa arrojada participação no combate terrestre e num exemplo inesquecível de união dos expedicionários do ar e da terra.

Às vinte horas do dia 20 de fevereiro, o Batalhão do major Uzeda (I/1º RI) procedeu à substituição de elementos americanos em Mazzancana, passando a noite de 20/21 em verificação agressiva do contato. Imperava na tropa brasileira a certeza da vitória.

A jornada de 21 de fevereiro assinalaria, de qualquer modo, a captura de Monte Castello. Mostraria à tropa brasileira que a sua técnica e a sua agressividade cooperariam decisivamente para o bom êxito do Plano Encore.

Desembocou o nosso ataque à hora prefixada, isto é, às cinco e meia da manhã. As reações inimigas fizeram-se sentir enérgicas e crescentes, dando margem a lances imprevistos e flutuações inevitáveis. O Batalhão do major Uzeda progrediu com certa ousadia sobre a crista, enquanto o III/1º RI mantinha a frente atingida, defrontando alguns pontos fortes alemães.

Às nove horas, a 5ª Cia do II/1º RI, comandada pelo capitão Valdir Sampaio, foi empregada pelo Coronel Caiado na esteira do batalhão Uzeda (I/1º RI), em virtude desta unidade estar desenvolvendo esplêndido ritmo no seu avanço. Resistências contrárias, entretanto, forçaram os montanhesees americanos a marcar passo ao Norte de Capella di Ronchidos.

Monte Della Torraccia oferecia uma reação indômita ao progresso da 10ª de Montanha. Em presença de tal situação, não se realizou o que fora previsto no Plano Encore: a simultaneidade rítmica nos ataques dos montanhesees e Brasileiros a Della Torraccia e Monte Castello, respectivamente. Não obstante isso, a Divisão Brasileira continuou a atacar, de conformidade com a ordem do general Crittenger, vinda, aliás, ao encontro dos desejos da tropa brasileira.

Tirando partido da precisão e violência da artilharia do general Cordeiro de Faria, o ataque brasileiro redobrou de fúria e impulsão, tendo em vista conquistar Monte Castello ainda na jornada de 21 de fevereiro, o que seria um índice convincente da agressividade de nossas tropas e um auxílio ponderável aos montanhesees americanos, contidos pelas resistências de Della Torraccia.

Pouco antes do meio-dia, porém, houve alguma balbúrdia lá para a zona da 10ª Divisão de Montanha, defrontando o Batalhão do major Uzeda (I/1º RI): resistências inesperadas e de certo resultantes dos contra-ataques alemães desferidos sobre as valentes tropas do general Hays. Mais tarde, cerca de 1430 horas, já eliminados os ninhos de Cargé e cota 1063, voltou o I/1º DI a abrir caminho, conquistando então as cotas 930 e 875.

Em concordância com a progressão do Batalhão Uzeda (I/1º RI), o III/1º RI, por volta das 1430 horas, contando com o apoio eficaz de nossa artilharia, com a sua 7ª Cia subjugou rapidamente o ponto forte de Fornello. Nessa ocasião, o coronel Caiado de Castro empenhou o II/1º RI (menos a 5ª Cia), realçando assim a pressão sobre a rampa Sudoeste do famigerado baluarte. Paralela e

simultaneamente ao emprego acima mencionado, o Batalhão Ramagem (II/11º RI) avançava em direção a Abetaia e assegurava valiosa cobertura à ação que contornava a porfiosa resistência de cota 887.

Finalmente, às 1720 horas a defesa inimiga entrou em colapso. Seguiram-se operações de limpeza, com a captura dos defensores remanescentes, e a ocupação definitiva das encostas setentrionais do arrogante morro.

A soldagem das novas posições brasileiras em Monte Castelo, com as demais da porção oriental do setor, logo se operou com a ocupação de Abetaia pelo Batalhão Ramagem (II/11º RI). O regimento Sampaio instalou-se defensivamente nos objetivos conquistados. Destacaram-se elementos fortes do Batalhão Franklin (III/1º RI) para guarnecer Monte Della Casellina, como postos avançados da Divisão Brasileira, com o duplo objetivo de garantir a cobertura das posições recém-capturadas e assegurar a imediata tomada do movimento ofensivo, apesar de ainda não ser favorável a situação aos nossos aliados em Della Torraccia.

E assim Monte Castello passou para as mãos brasileiras.

Dezenas de cadáveres, muitos deles contendo até máquinas infernais de destruição, estavam ali a testemunhar o encarniçamento da luta prolongada e a provar a requintada criminalidade das forças que guarneceram o sinistro morro. Com a captura de tal elevação, escrevera a Força Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida.

Monte Castello, resistindo durante três meses às investidas das armas aliadas, erigira-se a cidadela da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representara um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar.

Constituiu o índice do valor de nossa gente. Significou a sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisséia anônima das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando sob nevascas cortantes no gelo resvaladiço, a se esgueirarem através dos núcleos da defesa inimiga, em busca do prisioneiro e da informação.

Sumidouro de centenas de vias patricias, a sua captura pelas nossas forças constituiu um dever de consciência e um imperativo de dignidade militar. Assinalou o início de uma série de vitórias esplêndidas para nossas armas, vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército.

Santo Inácio de Loiola – Padroeiro da Infantaria

O santo espanhol Inácio Lopes de Loiola nasceu em 1491 e era o filho mais novo de uma família de treze irmãos. Inácio, muito jovem, ingressou na carreira militar, a serviço de Juan Velasquez, tesoureiro-mor da Corte de Espanha. Tomou parte na campanha contra Francisco I, da França, quando este invadiu o território espanhol.

Na defesa da cidade de Pamplona, em 1521, Inácio foi ferido na perna, por uma bala de canhão. Durante a sua convalescença, leu o livro “Vida de Cristo”, convertendo-se ao catolicismo, dando início a profundos estudos filosóficos e teológicos.

Em 1534, Inácio de Loiola fundou a Ordem Religiosa da “Companhia de Jesus”, aprovada pelo Papa Paulo III em 1540. A Ordem dos Jesuítas possuía inspiração militar, constituindo-se em uma autêntica “milícia de Cristo”, a quem ele chamava de “Capitão”. O próprio nome da Ordem, “Companhia”, alude à “Companhia de Infantaria” que Inácio comandara, como Capitão, quando do cerco a Pamplona.

Santo Inácio faleceu em Roma, no dia 31 de julho de 1556, data da celebração de sua festa.

Não apenas por haver sido Capitão de Infantaria, mas também por seu destemor e intrepidez nos combates, Santo Inácio de Loiola foi escolhido para Padroeiro da Infantaria, Arma dos esforços prolongados e dos sacrifícios supremos.

(<http://www.legiaodainfantaria.eb.mil.br/html/Leg>)

Monte Castelo

Plantada nos contrafortes da cordilheira, entre o paredão das montanhas e o obstáculo das costas inundáveis do Adriático — a cidade de Bolonha é a grande porta de acesso à riquíssima planície do Pó e caminho para o passo de Brenner, nas fronteiras da Áustria. Dominar Bolonha era vencer a batalha da Itália. As três

principais linhas de penetração para atingir esse importante nó rodoferroviário eram: a leste, a rota nº 9, a carga das tropas inglesas; abordando a cidade por oeste, a 64; e a 65 investindo-a frontalmente pelo sul.

Em fins de novembro, já completa em seus efetivos, com a chegada dos outros escalões e a ultimação precipitada de seu treinamento militar, a FEB recebeu a missão de lutar no setor de combate da estrada 64. Havia já três meses que americanos e ingleses acometiam inutilmente Bolonha, suportando vigorosos contra-ataques e sofrendo as mais severas perdas da campanha. Divisões inteiras necessitando de descanso, ataques dizimados, frio, lama e sangue, desalento e dor — eis o quadro da frente italiana quando coube à FEB a sua primeira missão de importância.

As posições brasileiras no vale do Reno, por onde corria a rota 64, ficavam nas encostas de um dominante arco de elevações — Belvedere, Gorgolesco, Monte Castelo, Della Torracia, Torre di Nerone, Soprassasso — que, oblíquo à estrada, a descortinava quase toda, e do qual Castelo, funcionando como charneira, era a parte mais sensível. Em privilegiada situação topográfica e tática, ali estava a aguerrida 232a. Divisão de Infantaria alemã.

Guarnecendo uma frente que variou entre 15 e 20 km de largura, já de si bastante para a defesa por uma só Divisão, tocou-nos a missão de agir ofensivamente, conquistando as alturas que dominavam o vale do Reno. E que a situação geral reclamava o alívio da frente de Bolonha, onde as perdas aliadas eram alarmantes. Como fazê-lo? Ameaçando o adversário noutras partes, forçando-o a retirar alguns de seus meios da defesa imediata da grande cidade. Eis por que a ordem era atacar; atacar, incessantemente, numa frente extensíssima; do sopé para o cume fortificado; ainda sem a necessária experiência de combate, frontalmente; sem meios suficientes; na lama e no frio; arrastando-se sob o castigo de pesados capotões e enormes galochas; sem o apoio de blindados, que se atolariam no lodo, e sem a ajuda e o conforto da aviação, ausente daqueles terríveis céus de novembro e dezembro na Itália.

Cada pracinha brasileiro, tombado nas encostas de Monte Castelo, poupava o sangue de dez combatentes de Bolonha e permitia a recuperação de outros tantos, que, desde a Sicília ou o Norte da África, vinham pagando seu tributo. Chegara a nossa vez de também fazer alguma coisa na luta pela liberdade.

Quatro vezes americanos ou brasileiros atacaram Monte Castelo sem sucesso. A 24, um batalhão do Sexto irmanou-se à *Task Force* 45 americana e repetiu a tentativa no dia seguinte. A 29, atacamos com um batalhão de cada regimento e, a 12 de dezembro, com dois batalhões do Primeiro e dois do Onze. Duas vezes o soldado brasileiro chegou ao cume do morro sinistro e duas vezes voltou. De ataque para ataque crescia a soma de nossos sacrifícios e perdas, e também de nosso heroísmo e de nossa valia. Monte Castelo não havia sido conquistado, mas, no quadro geral da guerra na Itália, a missão estava sendo cumprida, por isso que os alemães traziam, apressadamente, de Bolonha para o vale do Reno, a 114a. Divisão Ligeira. O preço dessa contribuição era o crescente passivo de mortos e feridos, a fama da inexpugnabilidade do baluarte alemão

Os comandos brasileiro e americano bem souberam compreender o problema moral da FEB. Declinara o poder ofensivo da Divisão que, em circunstâncias normais, seria retirada da frente, a fim de retemperar-se para futuras missões. Mas isso não poderia acontecer à única Divisão brasileira, porque seria retirar o Brasil do campo da luta.

Com o inverno, veio a estabilização das operações. A defensiva agressiva daquele rigoroso inverno foi a grande escola do soldado brasileiro. Valendo-se de sua extraordinária capacidade de adaptação, nosso homem habituou-se à neve e ao frio, ao combate e à morte. Nas longas vigílias de gelo e sangue, rechaçando ataques, suportando o castigo da experimentada artilharia alemã, ou indo em patrulhas às linhas inimigas, o pracinha acreditou em si e esperou a sua hora. Tão logo melhoraram as condições climáticas, decidiu o comando americano retornar à ofensiva, apossando-se do arco montanhoso. Com esse propósito, fez vir, para a nossa frente, uma nova tropa, a excepcional 10ª Divisão de Montanha, que investiria Belvedere, em concordância com o ataque brasileiro ao Castelo. Contando agora com poderoso apoio aéreo, onde pontificava a ação de nosso Grupo de Caça, puderam brasileiros e americanos desalojar definitivamente os nazistas da linha de cristas que dominava a estrada 64, libertando-a da futura continuação das operações na direção de Bolonha.

O dia 21 de fevereiro de 1945 assinala a vitória de Monte Castelo. Não foi ainda sem muito sacrifício e heroísmo que se tornou possível ao soldado brasileiro sufocar as últimas resistências alemãs no alto da elevação e vencer os combates subseqüentes de La Serra e Caselina, que se prolongavam até o dia 25 e consolidavam a extraordinária conquista.

FONTES: MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

Internet – Google.

CONSTITUIÇÃO da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária
CONVITE AO GENERAL MASCARENHAS DE MORAES

Com a decisão do governo de enviar a Força Expedicionária ao exterior, surgiram os comentários sobre os prováveis Generais comandantes dessa Força. Era voz corrente que os chefes mais em evidência estavam apontados para o Corpo de Exército e Divisões. Mascarenhas, no comando da 2ª RM, figurava naturalmente entre os nomes falados. Certa vez, em uma reunião festiva, chegou-se a aventar essa possibilidade e um oficial presente, o Major R/2 Reynaldo Ramos Saldanha da Gama, professor da Universidade de São Paulo, solicitou a Mascarenhas participar da primeira tropa expedicionária que se deslocasse sob seu comando. Mascarenhas, modesto como sempre, deu a perceber nada saber a respeito e que, por certo, não seria atingido pela escolha para missão de tanta relevância, tanto mais que a sua idade, 60 anos, era fator negativo para tal. Cerca de dois meses depois, a 10Ago43, recebeu o seguinte telegrama cifrado, do General Eurico Dutra, Ministro da Guerra:

"25 H1- Urgente - 9-VIII-1943 - Cifrado - General Mascarenhas - São Paulo _Consulta prezado camarada de aceita comando de uma das Divisões que constituirão Corpo Expedicionário pt Impõe-se resposta urgente porque caso afirmativo fará estágio Estados Unidos PT General Eurico Dutra - Ministro da Guerra"

No mesmo momento, em seu Gabinete, redigiu com o oficial de seu EM, Major Antônio de Souza Júnior, a resposta, com o mesmo laconismo da consulta do Ministro e a qual deveria ter chocado a frieza do General Dutra:

"General Dutra - Rio - Urgentíssimo - De São Paulo - 20-40 - 10-VIII - 1943 - 17,15 - 345 Muito honrado e com satisfação respondo afirmativamente consulta Vossa Excelência acaba fazer-me em rádio 25 H1 pt General Mascarenhas de Moraes

Essa constituição foi fixada em Portaria Ministerial de 09Ago43, a qual também designava os órgãos não divisionários. Essa estrutura obedecia aos padrões vigentes nos Estados Unidos e já consagrados pela experiência da guerra em pleno desenvolvimento. A Portaria Ministerial nº 47/44, de 9 de agosto de 1943, estabeleceu as primeiras normas gerais de estruturação da 1ª DIE, fixando-lhe a organização abaixo:

INFANTARIA DIVISIONÁRIA (ID), ao comando do **Gen Zenóbio da Costa** composta pelos regimentos de Infantaria - 1º RI (Regimento Sampaio - Rio de Janeiro, ao comando do **Cel Aguinaldo Caiado de Castro**), 6º RI (Regimento Ipiranga - Caçapava-SP, ao comando do **Cel João Segadas Viana**, futuro ministro da Guerra 1961-62), 11º RI (Regimento Tiradentes - São João del-Rei, ao comando do **Cel Delmiro Pereira de Andrade**). Comandou ao final da guerra o 6º RI o **Cel Nelson de Melo**, futuro ministro da Guerra em 1962. O 1º RI teve ação destacada na conquista de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945, além de em outras ações. O 6º RI teve papel destacado na conquista de Castelnuovo e rendição em Fornovo, em 29 de abril de 1945, da 148ª Divisão de Infantaria Alemã e de remanescentes da divisão italiana, Itália. O 11º RI teve atuação destacada no combate de Montese, em 14 de março de 1945, além de em outras ações.

ARTILHARIA DIVISIONÁRIA (AD), ao comando do **Gen Osvaldo Cordeiro de Farias** e composta dos grupos de Artilharia I-GO-105 (Grupo de São Cristóvão - Rio, ao comando do **Ten Cel Levy Cardoso**), II-GO-105 (Grupo Monte Bastione, de Campinho - Rio, ao comando do **Cel Geraldo Dacamino**, sendo o primeiro a entrar em ação na Itália), III-GO-105 (Grupo Bandeirante de Quintaúna, em São Paulo - SP, ao comando de **Ten Cel José de Souza Carvalho**), IV-GO-155 (Grupo Montese, ao comando do **Ten Cel Hugo Panasco Alvim**), 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1º ELO da FAB, sob controle operacional da FEB); 9º Batalhão de Engenharia de Combate, de Aquidauana-MS, ao comando do **Ten Cel José Machado Lopes**; 1º Batalhão de Saúde de Valença - RJ ao comando do **Maj Bonifácio Borba**; Esquadrão do Reconhecimento, atual Esquadrão Ten Amaro de Valença - RJ, ao comando inicialmente do **Cap Franco Ferreira** e depois do **Cap Plínio Pitaluga** atual (em 2000) acadêmico emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil . Tropa especial (Companhia de Transmissões, Companhia de Manutenção Leve, Companhia de Intendência, Companhia do Quartel General, Banda de Música e, Pelotão de Polícia organizado à base da mobilização de policiais da Guarda Civil de São Paulo).Banda de Musica, Agência do Banco do Brasil, Pagadoria Fixa; Seccção Brasileira de Base, Deposito de Intendência; Serviço Postal, Serviço de Justiça, Depósito de pessoal (destinado a adestrar a tropa e completar os quadros); Pelotão de Sepultamento.

FONTES: Tristão de Alencar Araripe - Ministro do Superior Tribunal Militar - A Coerência de uma Vocação. S Ge Ex - Imprensa do Exército - Rio de Janeiro - 1969. Brasil Conflitos Externos Cel Cláudio Moreira Bento - Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel, Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
lecaminha@gmail.com